

**FHE** **POUPEX**

## **AS PRESENCAS DOS VISCONDES DE PELOTAS E MARACAJU NA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DO CLUBE MILITAR**

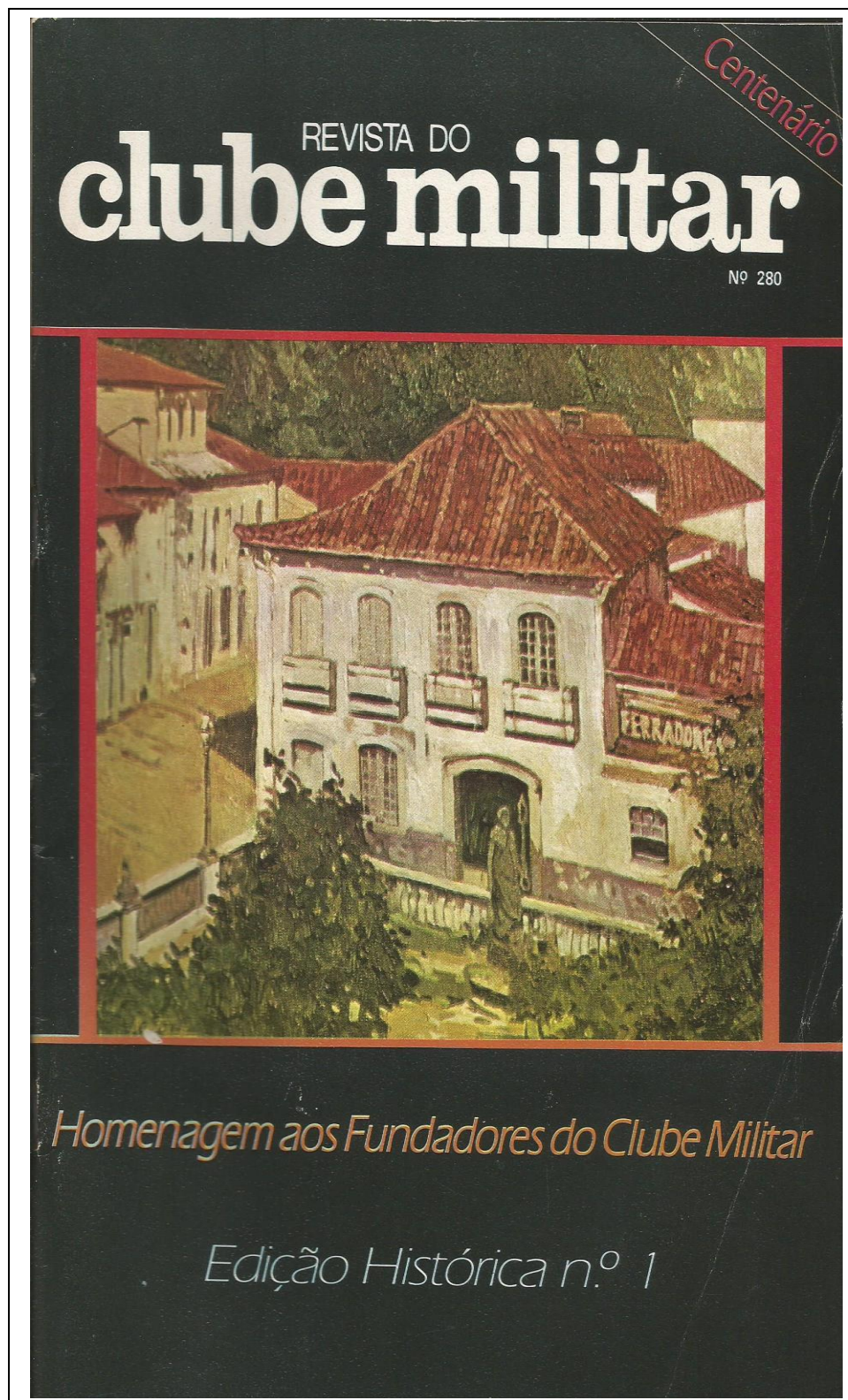


**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

**Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. No Centenário do Clube Militar em 1987, foi seu Diretor Cultural e de sua Revista, quando dirigia a Arquivo Histórico do Exército. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980.**

**Materia digitalizada da Revista do Clube Militar, nº 280, páginas 15/16, para disponibilizá-s em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB [www.ahitb.org.br](http://www.ahitb.org.br) e**

cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado a AMAN em Boletim Interno para integrar o programa Pêrgamo de bibliotecas do Exército



As presenças dos Viscondes de Pelotas e Maracaju  
na Assembléia de fundação do Clube Militar

Nas páginas 14/15 a Revista do Clube Militar nº 280 do Centenário do Clube  
Militar Edição Histórica nº 1



## VISCONDE DE PELOTAS

O Marechal de Exército ,José Antônio Correia da Câmara, Visconde de Pelotas (29) e senador do Império pela Província do Rio Grande do Sul, foi a maior autoridade militar na fundação do Clube. Viera há pouco de Porto Alegre e com a saúde abalada. Assim, coroou a sua obra em defesa da classe militar, iniciada no Senado. Ali, no clímax da Questão Militar, assumiu a tribuna para oportuna e ativa atitude em defesa do Cel Cunha Mattos, ao afirmar:

***"Assiste ao militar o direito de desagravo quando ferido em sua honra".***

O Marechal Câmara viera do Sul para aclamar presidente do Clube o Marechal-de-Campo Manoel Deodoro da Fonseca. Este, também, fora envolvido na Questão Militar, como comandante das Armas do Rio Grande, ao concordar, tacitamente, com a atitude do Ten Cel Sena Madureira em defesa da classe militar e com a homenagem que lhe foi prestada pelo seu desassombro nesta questão.

Câmara e Deodoro foram heróis assinalados na Guerra do Paraguai, onde conquistaram promoções por bravura. Depois, estreitaram camaradagem no Rio Grande. A Deodoro e a Câmara o destino reservou serem os primeiros presidentes da República do Brasil e do Rio Grande do Sul. Com os falecimentos, em 1879 e 1880, dos heróicos General Osorio e do Duque de Caxias, as duas maiores expressões do Exército Brasileiro em todos os tempos, e que disputaram, inclusive, o patronato do Exército, a liderança da classe militar de terra transferiu-se para Câmara e Deodoro. Os dois foram os signatários, em 14 mai 1887, de um Manifesto ao Parlamento e à Nação, que culminou com o cancelamento das punições impostas a Cunha Mattos e a Sena Madureira e, assim, com o encerramento da Questão Militar, da qual, a fundação do Clube, ocorrida 43 dias após o histórico Manifesto, foi corolário.

Câmara nasceu em Porto Alegre, em 17 fev 1824. Era neto do grande fronteiro no Sul, o Tem Gen Patrício Correia da Câmara e 1º visconde de Pelotas, herói das guerras no Sul, 1763-77, 1801, 1811-12 e 1816-20, na liderança dos Dragões do Rio Pardo. Era genro do visconde de São Leopoldo, um dos fundadores do sesquicentenário Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, ao qual viria a pertencer, do mesmo modo que o Duque de Caxias.

Foi sobrinho dileto e herdeiro do internacional, misto de soldado, diplomata e intelectual Conselheiro Antônio Manoel Correa da Câmara (1783-1849), que foi ministro plenipotenciário da República Rio-Grandense, junto à Argentina, Uruguai e Paraguai e autor de **Reflexões sobre o generalato do conde de Caxias** (1845), o qual assessorou na presidência do Rio Grande do Sul, ao término da Revolução Farroupilha.

A carreira de Câmara durou de 1839 a 1893 e foi brilhante. Combateu a Farroupilha, na Cavalaria, de praça a tenente. Capitão, lutou contra Oribe e Rosas. Coursou a Escola Militar de Porto Alegre, em 1856, na Praia de Belas, no local do atual 1º BPM da sesquicentenária Brigada Militar. Prestou serviços à escola como ajudante até as vésperas da guerra contra Aguirre, do Uruguai, em 1864. Nesta, brilhou em Paissandu, no comando de uma força do 1º Batalhão de Infantaria, subordinada ao Brigadeiro Antonio

Sampaio, atual Patrono da Infantaria. Foi por este elogiado: **"por ter se revelado intrépido, calmo e valente"**. Esta atuação lhe valeu a promoção a tenente-coronel, por bravura. Neste posto, como coronel e brigadeiro, fez toda a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Com a morte do legendário Andrade Neves, substituiu-o em 17 abr 1869, no comando da aguerrida e intrépida 2ª Divisão de Cavalaria (2ª DC). Sua memorável atuação em Avaí, no comando da 5ª DC, lhe valeu a promoção ao generalato, por bravura. Caxias, contemplando sua atuação modelar, no momento em que o Cel Câmara, ao final de uma brilhante carga, passou perto de seu posto, gritou-lhe entusiasmado: **"Parabéns brigadeiro Câmara — mais uma carga"**. E lá foi o mais novo general brasileiro a terminar de escrever a mais bela página de sua carreira.

Caxias foi amigo de Câmara, nutria grande admiração militar por ele. Ao retornar da guerra, respondeu ao imperador sobre os generais que haviam ficado no Paraguai: "A melhor cabeça militar é a de Câmara, o mais moderno. Pois se não o fosse, eu o teria proposto para meu substituto".

A Câmara coube, em pessoa, conquistar o último acampamento inimigo, alcançar o Marechal Solano Lopes e vê-lo expirar, em 19 mar 1870, em Cerro Corá. Este evento histórico assinalou o fim da Guerra da Tríplice Aliança (1869-70). Por este feito, foi promovido, aos 46 anos, a marechal-de-campo e agraciado com o título de visconde de Pelotas. Recebeu do povo do Rio de Janeiro espada de ouro que passou a usar. Em 18 jan 1879 é tenente-general.

Quis o destino que, ao falecer Caxias, em 7 mai 1880, na fazenda de Santa Mônica, em Valença-RJ, Câmara fosse o ministro da Guerra, cargo que ocupou de 5 abr 1880 a maio de 1881. Neste período, destinou o histórico e vetusto casarão da rua da Redenção para servir ao ensino no Exército, local onde, como Escola Preparatória de Cadetes (EPPA), atuou como comandante o Cel Rinaldo Pereira Câmara, ilustre neto de Câmara e seu biógrafo em **O Marechal Câmara** (Porto Alegre, Globo, 1970, v3). Obra, para nós, o mais completo estudo biográfico de um militar brasileiro, tendo, como fundo, o maior e mais importante período da história do nosso Exército, em sua dimensão operacional. Ele registrou muito bem a história militar do Brasil no Sul, de 1763-1870.

Câmara faleceu no Rio de Janeiro, em 11 ago 1893, como Marechal -de-Exérci-to. Foi sepultado, em Porto Alegre-RS. Foi um precursor abolicionista no Senado, onde integrou comissão visando à abolição.

Este é o belo perfil do soldado que presidiu a fundação do Clube Militar, em 26 jun 1887.



VISCONDE DE  
MARACAJU

O Mal-de-Campo Rufino Enéas Gustavo da Fonseca Galvão e visconde de Maracaju foi a terceira autoridade do Exército na fundação do Clube. Destacara-se na Guerra da Tríplice Aliança como chefe da Comissão de Engenheiros do 2º Corpo do Exército, ao comando do conde de Porto Alegre, na conquista de Curuzu, ataque a Curupaiti e, sob o comando do Gen Argolo e acumulando as funções de chefe das Comissões de Engenheiros dos 1º e 2º Corpos e quartel-mestre do Exército, na construção da estrada que ele chamava Estrada Militar do Grão-Chaco. Esta magnífica obra de Engenharia Militar, executada pelos corpos de Pontoneiros e de Engenheiros, em apoio ao Movimento do Exército Aliado, tornou possível a manobra envolvente de Caxias da linha fortificada do Piquiciri, através do Chaco, para cair na retaguarda profunda do inimigo, em São Solano. Local onde obteve a surpresa estratégica e isolou o grosso do

exército adversário da capital Assunção. Manobra que se constitui num clássico exemplo de Risco Calculado e que foi aceito por Caxias. Ou seja, o de arriscar o princípio de Guerra da Segurança, a travessia através do Chaco, sujeito a inundações e intervenção do inimigo, em benefício do princípio da Segurança. Esta, obtida em sua forma rara a surpresa estratégica. E, por tudo, manobra que coloca Caxias entre os grandes capitães da história militar mundial.

Sobre a construção da Estrada do Chaco, o visconde de Maracaju produziu o mais fiel relato em sua obra **Campanha do Paraguai 1867-68** (Rio, 1893), com sua autoridade de engenheiro militar encarregado de sua construção e quartel-mestre encarregado do Apoio Logístico à mesma.

Dedicou essa obra **"a seu idolatrado pai"**, o Brigadeiro grad José Antônio da Fonseca Galvão, que morreu em Mato Grosso quando comandava a Expedição à Laguna, em 13 jun 1866. Notícia que o visconde de Maracaju conheceu três dias depois do malogrado ataque a Curupaiti, em que tomou parte ativa. Em 30 out 1865, nosso herói foi promovido por bravura **"revelada sob mortífero fogo inimigo, quando realizava reconhecimento técnico em Potreiro Ovelha, decisivo para a conquista do Sauce"**.

Rufino Enéas nasceu em Laranjeiras-SE, em 2 jul 1831. Ingressou no Exército em 1845, com destino à Escola Militar do Largo do São Francisco. Ali bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas em 1851, quando da guerra contra Oribe e Rosas (1851-52). No espaço entre esta guerra e a próxima, a do Paraguai, serviu como engenheiro militar no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro (Arsenal, Observatório Astronômico e Inspetoria de Terras Públicas) e em São Paulo. Depois da Guerra da Tríplice Aliança, como coronel, serviu no Arquivo Militar; dirigiu obras militares em São Paulo; demarcou limites entre o Brasil com o Paraguai e a Bolívia; chefiou comissão de engenheiros no Rio Grande e foi presidente e comandante das Armas das Províncias do Amazonas (1878) e do Mato Grosso (1879). Como brigadeiro, a partir de 29 jan 1880, comandou as Armas de Pernambuco e do Pará. Nessas funções, como no Amazonas e Pará, revelou sentimentos e atitudes abolicionistas, animando as associações libertadoras e combatendo o tráfico de escravos. Na fundação do Clube, o visconde estava nomeado inspetor da Fortaleza de Santa Cruz e do 1º Batalhão de Artilharia. Depois foi designado inspetor de unidades do sul de Mato Grosso. No ano seguinte, exerceu o Comando Geral da Artilharia em substituição ao Marechal e conde D'Eu. Em 1889, foi ajudante-general interino e efetivo do Exército e ministro da Guerra a partir de 7 de junho. Quis o destino que os primos Deodoro e Enéas Galvão estivessem lado a lado na fundação do Clube e frente a frente na Proclamação da República. Deodoro como o proclamador da República e Enéas Galvão como o último ministro da Guerra do Império, e que tentou em vão evitá-la, depois de ter estado doente um mês e haver reassumido a pasta três dias antes. Ainda em 15 nov foi reformado **"por motivos de ordem pública"**. Em 1893, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Militar. Faleceu em 15 fev 1909, no Rio de Janeiro, aos 80 anos.

Contribuíram com artigos para esta revista na ordem em que nel aparecem os seguintes historiadores: Gen Jonas Correia Filho, Américo Jacobina Lacombe, Vicente Tapajós, Gen Humberto Peregrino, Cel Claudio Moreira Bento, Vice Almirante João Prado Maia, Cel Fernando Maya Pedrosa, Professor Guilherme Andréa Frota, Cel Claudio Moreira Bento, Cel Amerino Raposo Filho, Cel Helber de Melo Henriques, Capitão de Mar-e-Guerra, FN Dino Willy Cozza, Maj Eng Genino Jorge Cosendey, Professor Antônio Pimentel Winz, Cel Claudio Moreira Bento, Gen Div Francisco de Paula Azevedo Pondé, Cel Med. Alberto Marins da Silva, Cel Claudio Moreira Bento, General Morivalde Calvet Fagundes, Cel Asdrubal Esteves, Claudio Moreira Bento, como Diretor da Revista, Cel Francisco Ruas Santos. Esta Revista obra coletiva resgatou a História da Fundação do Clube Militar.